

AVALIAÇÃO DA APRENDÊNCIA NA GRADUAÇÃO

Diva Eugênia Sabadin Gaspar¹

Resumo

A avaliação na graduação tem passado, ao longo dos anos, por sucessivas transformações. Mesmo assim, o processo avaliativo continua tendo sua complexidade no contexto educacional. O objetivo desse artigo é destacar algumas idéias básicas, relacionadas com o sistema de avaliação no Ensino Superior e trazer algumas reflexões sobre as mesmas. Não temos a pretensão de esgotar o assunto, pelo contrário. Muito há a ser discutido. Tomamos por base alguns autores como Cipriano Luckesi, Jussara Hoffmann, Phellippe Perrenoud.

Palavras-chave: Graduação, avaliação educacional, processo ensino-aprendizagem.

Introdução

Historicamente, a simples leitura da palavra avaliação remete-nos a conceitos de quantificação, medição de valores, comparação, sentimentos de recompensa ou punição e também a uma forte associação com a idéia de “objetividade” e “sucesso” como metas a serem perseguidas. Estas concepções representam uma lógica culturalmente construída ao longo dos anos e perpassam a idéia do avaliar em suas instancias.(Diligenti, 2003:21)

O termo avaliação é de utilização recente, já que a palavra “exame” era a mais utilizada para designar provas de conhecimento. Portanto tem-se como propósito refletir e analisar criticamente o processo avaliativo, no sentido qualitativo de ensino e aprendizagem, no qual se faz necessários momentos de reflexão e retomada das atividades. Essas reflexões possibilitam um espaço para que os alunos individualmente ou em grupos possam utilizar o conjunto de conhecimentos apreendidos para criar, questionar, sugerir, procurar novas formas de aplicar o saber, enfim mostrar as transformações que o novo saber lhes proporcionou.

A avaliação na graduação requer uma reflexão não somente dos conteúdos científicos assimilados pelos acadêmicos, mas antes de tudo, avaliar as habilidades desenvolvidas a partir do embasamento teórico da ciência, construindo e reconstruindo o conhecimento.

1. Concepção de avaliação educacional

A proposta é fomentar uma discussão em torno das concepções bem

como, fazer um paralelo com a prática avaliativa que permeia o processo de aprendizagem na graduação. Dentro desta perspectiva, encontramos várias concepções nas quais Luckesi apresenta uma visão de avaliação diagnóstica que fundamenta o processo de ensino. Nessa mesma linha, porém tomando a avaliação como meio de aquilatar condições para atender às defasagens na aprendizagem, está a proposta de Jussara Hoffmann. Ambos vêem a avaliação como um ato integrativo, inclusivo buscando maior satisfatoriedade daquilo que se está construindo enquanto conhecimento. Também Perrenoud ao propor uma avaliação do sujeito que aprende a aprender e a partir daí busca respostas para seu desenvolvimento, baseado num ato avaliativo.

O objetivo do ato de avaliar segundo Luckesi (1994, p.84), é diagnosticar uma experiência e obter um resultado mais satisfatório. Como exemplo, é o que o médico faz quando um paciente vai ao consultório, onde diagnostica, avalia e propõe alguns encaminhamentos que permitem a obtenção de um resultado mais satisfatório, que é a saúde do paciente. No caso da avaliação da aprendizagem é a mesma coisa, diagnosticar o que está ocorrendo, identificar os elementos que estão confluindo para esta aprendizagem, tomar decisões que auxiliem esse processo de melhoria, na perspectiva de obtenção de um resultado mais satisfatório. Por tanto, no ensino aprendizagem o objetivo da avaliação é propiciar decisões que produzam um resultado mais satisfatório.

A avaliação da aprendizagem é como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. É necessário distinguir avaliação de julgamento. O julgamento é um ato que distingue o certo do errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base acolher uma situação, para, (e só então), ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança, se necessário. A avaliação. Como ato diagnóstico, tem por objetivo a inclusão e não a exclusão; a inclusão e não a seleção (que obrigatoriamente conduz a exclusão). O diagnóstico tem por objetivo aquilatar coisas, atos, situações, pessoas, tendo em vista tomar decisões no sentido de criar condições para a obtenção de uma maior satisfatoriedade daquilo que se esteja buscando ou construindo. (Luckesi,1994, p.169)

Conforme o autor, a avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos. Por ser avaliação, é amorosa, dinâmica, inclusiva e construtiva, diversa dos exames excludentes, que não são construtivos, mas classificatórios. A avaliação inclui, traz o aluno para dentro do processo de aquisição do

conhecimento, ao contrário dos exames que selecionam, excluem, marginalizam.

Hoffmann (1993: 12) apresenta algumas questões que merecem ser analisadas: “O sistema de avaliação tradicional, classificatório, assegura um ensino de qualidade? A manutenção das provas e notas é garantia do efetivo acompanhamento dos alunos no seu processo de aprendizagem?”.

Com estas questões podemos dizer que a avaliação classificatória, baseada em quantidade de acertos e erros, atende, portanto a uma sociedade que também classifica, de modo a manter uma elite que detém o alicerce do capitalismo em detrimento de outra classe que reproduz esse mesmo padrão imposto, mesmo que inconscientemente. Assim, a escola que avalia seus alunos para obtenção da nota, classificação entre o bom e o ruim, está colaborando para a reprodução dessa sociedade excludente.

Nesse caso, a nota alcançada no final de um bimestre ou sua média no final de cada período, determina a ascensão ou não dos educandos, sem se preocupar com a aprendizagem propriamente dita.

A prova é o principal mecanismo que assegura a verificação da aprendizagem, que segundo alguns professores apenas são aplicadas para cumprir uma obrigação do sistema, sem se preocupar se o aluno aprendeu. Para estes professores a proposta de promoção automática é a possibilidade de se livrarem da avaliação.

Segundo a autora: “As notas e as provas funcionam como redes de segurança em termos do controle exercido pelos professores sobre os alunos, das escolas e dos pais sobre os professores, do sistema sobre suas escolas”(idem: 26).

Assim, se repete por décadas uma avaliação que exclui o aluno do processo de aprendizagem conseqüentemente da inclusão social.

Mas o sucesso do aluno na escola garante seu sucesso na vida em geral? O que garante o sucesso do aluno na vida?

Segundo a autora ainda, a escola está longe de preparar para a vida, quando trabalha com conceitos meramente decorativos, sem um significado para o aluno, no qual a escola é a escola, a vida é diferente (idem: 31).

Ao se tratar de qualidade em termos de educação numa perspectiva construtivista, a escola tem por obrigação ser responsável pelo desenvolvimento das oportunidades amplas e desafiadoras do conhecimento e numa concepção mediadora,

...deverá prestar muita atenção nas crianças e jovens...insistindo em conhecê-lo melhor, em atender suas falas, seus argumentos, teimando em conversar com ele em todos os momentos, ouvindo todas as suas perguntas, fazendo-lhes novas e desafiadoras questões, ‘implicantes’, até, na busca de alternativas para uma ação educativa

voltada para a autonomia moral e intelectual. (idem: 34)

Neste contexto, faz-se necessário ao professor compreender como se dá o processo de conhecimento durante o desenvolvimento do discente, valorizar suas ações no sentido de buscar o próprio conhecimento. Este processo é o que se considera como Mediador. O professor é o mediador entre o discente e o objeto de conhecimento, logo, a avaliação faz parte do acompanhamento de uma aprendizagem continuada.

Outra característica dessa avaliação é o fato de o professor se preocupar com as respostas dos alunos no sentido de buscar o que entenderam e como a resposta tem a ver com sua interpretação ou momento pelo qual está vivenciando.

Com essa percepção, Jussara Hoffmann propõe alguns princípios para uma ação avaliativa mediadora:

- 1) Oportunizar aos alunos muitos momentos de expressar suas idéias;
- 2) Oportunizar discussão entre os alunos a partir de situações desencadeadoras;
- 3) Realizar várias tarefas individuais, menores e sucessivas, investigando teoricamente, procurando entender razões para as respostas apresentadas pelo educando;
- 4) Ao invés do certo/errado e da pontuação tradicional, fazer comentários sobre as tarefas dos alunos, auxiliando-os a localizar as dificuldades, oferecendo-lhes a oportunidade de descobrir melhores soluções.
- 5) Transformar os registros de avaliação em anotações significativas sobre o acompanhamento dos alunos em seu processo de construção do conhecimento.

Com estas constatações possibilita-se a compreensão da realidade e do aumento da aprendizagem a partir das considerações do próprio aluno. A avaliação deixa de ser mero preenchimento de formulários com notas para aprovação ou reprovação do aluno.

Para Perrenoud (1999:09), avaliação não está centrada nos conteúdos e sim na aprendizagem, como o aluno aprende, quais são as suas habilidades e competências. Parte da avaliação como centro do processo educacional, para mostrar a interdependência com as práticas e as mudanças no sentido mais formativo, qualitativo e interativo, envolvendo assim, todas as dimensões da aprendizagem: cognitiva, afetiva e psicomotora.

O professor deve ter meios de construir seu próprio sistema de observação, de interpretação e de interação em função de sua concepção pessoal de ensino, dos objetivos do contrato didático, do trabalho escolar. Sendo um dos componentes do planejamento da avaliação formativa a seleção dos procedimentos a serem usados, de acordo com o nível de desenvolvimento dos alunos, da disciplina, da série e do tipo de trabalho

realizado. Para essa seleção o professor levará em conta a sua criticidade e criatividade, sem deixar de lado o fato que os alunos tem diferentes *estilos de aprendizagem*.

É importante destacar que nenhuma sociedade vive na serenidade e no consenso. O que realmente importa saber, é que cada época reinventa a sua maneira, a sua linguagem e que hoje acontece algo de novo. A história se transforma diante dos nossos olhos e com a avaliação não poderia ser diferente. Por que diante das transformações, a avaliação continua a mesma tradicional, classificatória, excludente?

Avaliação que auxilia o aluno a aprender não é uma idéia nova e isso não impede de sofrer mudanças com a própria evolução da história.

De fato Perrenoud (1999:10) coloca que a “avaliação está no âmago das contradições do sistema educativo, constantemente na articulação da seleção e da formação, do reconhecimento e da negação das desigualdades”

A avaliação regula além da aprendizagem, o trabalho, as atividades, as relações de autoridade e a cooperação em aula e, de uma certa forma, as relações entre família e a escola ou entre profissionais da educação.

Para que algo novo aconteça, no processo avaliativo é necessário tocar no conjunto de sistema didático e do sistema escolar. Ao considerar as lógicas do sistema que dizem respeito ao tratamento das diferenças e das desigualdades e, ao mesmo tempo, as lógicas dos agentes que envolvem questões mais do cotidiano, de coexistência, de controle e de poder (Perrenoud,1999:11).

O autor sugere que duas lógicas da avaliação estão estabelecidas: a tradicional, e a emergente. A avaliação tradicional está associada na escola à criação de hierarquias de excelência. Os alunos são comparados e depois classificados em virtude de uma norma de excelência, defendida no absoluto pelo professor e pelos melhores alunos; a certificação de aquisições em relação à graduação, o diploma de garantia aos empregadores, de que seu portador recebeu uma formação, o que permite contratá-lo sem fazer com que preste novos exames.

Essa certificação garante, sobretudo o que o aluno sabe globalmente “o que é, necessário saber” para passar para a série seguinte no curso, ser admitido em uma habilitação ou começar uma profissão.

Já a avaliação formativa ou emergente, exige uma adesão à uma visão mais igualitarista da escola e ao princípio de educabilidade, assumindo todo seu sentido no âmbito de uma estratégia pedagógica de luta contra o fracasso e as desigualdades.

Portanto, o ser humano é constantemente avaliado pelas pessoas

que o rodeiam, e vice-versa. A avaliação é utilizada para orientar e selecionar, às vezes abrindo portas para uma colocação profissional. Já a avaliação da aprendizagem tem dupla importância: a social e a individual. Ela nada mais é do que um contrato de confiança entre a sociedade, as instituições educacionais e os discentes. Quando alguém sai de um curso diplomado, a sociedade precisa confiar na avaliação que foi feita pela instituição. Com o passar dos anos a sociedade qualificará a instituição, frente o desempenho profissional dos egressos. A avaliação escolar universitária deve ser pautada a partir dos conhecimentos científicos e das habilidades humanas, visto que o aluno está se qualificando profissionalmente. A trajetória da avaliação escolar a partir do contexto histórico nos mostra que a avaliação é um processo que envolve aluno, professor, instituição e sociedade é o que veremos a seguir.

2. Processo histórico da avaliação e suas tendências

O processo histórico da avaliação educacional nos remete que as questões da avaliação estão intimamente ligadas às questões metodológicas e as mesmas retratam a sociedade da época. Veremos a seguir, a partir da visão de alguns autores a realidade da avaliação frente às tendências pedagógicas.

Desde a década de 20 até os anos 90 Gadotti (1987) afirma, que é possível detectar as concepções dos modelos pedagógicos que variavam de acordo com determinado contexto histórico. Uma primeira geração, que data entre a década de 20-30 vem da **Tendência Liberal Tradicional**. Liberal aqui, não tem o sentido de democrático. O termo liberal vêm do sistema capitalista que, ao defender a predominância da liberdade e dos interesses individuais na sociedade, estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção, também denominada sociedade de classes. Para a escola, é defendida a idéia de igualdade de oportunidades, sem levar em consideração a desigualdade de condições. Para esse modelo pedagógico, os conteúdos não têm nenhuma relação com o cotidiano e muito menos com a realidade social. É a predominância da palavra do professor, das regras impostas, do cultivo exclusivamente intelectual. O conhecimento está apresentado com ênfase nos exercícios, na repetição ou memorização de conceitos ou fórmulas. Visa disciplinar a mente e formar hábitos. Retrata, portanto a sociedade da ditadura da época e é atuante até nos dias de hoje. *A avaliação para esse modelo é determinada através da mensuração, onde avaliar é medir, é atribuir notas.*

A segunda geração (40-50), Gadotti (1987) apresenta o início da **Pedagogia Liberal Renovada**. A educação é vista como um processo

interno, não externo. Ela parte das necessidades e interesses individuais necessários para a adaptação ao meio. É um tipo de auto-educação. O conhecimento apresenta-se com ênfase nos processos mentais e habilidades cognitivas, através da valorização da pesquisa, da descoberta e da solução de problemas. O professor intervém para dar forma ao raciocínio. *A avaliação para esse modelo é a descrição, a compreensão do objeto.*

A terceira geração (60-70), Gadotti (1987) trata da **Pedagogia Liberal Tecnicista**, onde o essencial não é o conteúdo da realidade, mas as técnicas de descoberta e aplicação. O conhecimento está em transmitir informações eficientemente precisas, objetivas e rápidas. Tudo é objetivo, eliminando qualquer sinal de subjetividade. O material instrucional encontra-se sistematizado nos manuais, nos módulos de ensino, nos audiovisuais, etc. Dentro desse modelo *a avaliação assume o papel de julgamento, pois o ensino é um processo de condicionamento às respostas que se quer obter.*

Paralelo a essas concepções, surge até os anos 80, segundo Gadotti (1987), a **Pedagogia Progressista**, que se dispôs a realizar a análise crítica das realidades sociais, sustentando as finalidades sócio-políticas da educação. Os conteúdos são temas geradores, extraídos da problematização do cotidiano da vida dos alunos. O conhecimento é resultante do saber criticamente elaborado. Para essa concepção de educação, *a avaliação passa a ser vista como negociação, como participação.*

A partir da década de 90, segundo Bolzan,(1998) um novo modelo pedagógico é apresentado através do **Empowerment**, onde a experiência do conhecimento passa a ser interativa. *A avaliação é sinônimo de capacitação e o avaliador agora passa a ser o colaborador, o facilitador.* Empowerment é o fortalecimento das pessoas, através de suas habilidades e contribuições significativas ao processo, sendo capazes de inovar sempre para a mudança, através do novo ou a novidade.

No final dos anos 90 surge, segundo Behrens, (1999) o **Paradigma do Ensino com Pesquisa**, onde a avaliação é vista como *continua, processual e participativa.* O acompanhamento dos alunos em projetos de pesquisa tem como norteador a proposição de critérios discutidos e construídos com alunos antes de começar o processo. Funcionando como um contrato, uma minuta, professor e alunos sabem com clareza a problematização proposta, os procedimentos de investigação, os resultados esperados e os métodos para obtê-los. O aluno é avaliado pelo desempenho geral e globalizado, com acompanhamento de seu ritmo participativo e produtivo permanente e, não por momentos de grandes forças de memorização e cópia no final do bimestre. Com uma visão emancipadora, a avaliação perde o sentido de sanção, de autoritarismo e de poder, e adquire a garantia de avaliar o envolvimento, a participação, à

produção do conhecimento, o progresso, a caminhada, enfim, a qualidade do processo educativo.

A avaliação, no **Paradigma Holístico**, conforme Bolsan, (1998) visa ao processo, ao crescimento gradativo e respeita o aluno como pessoa contemplando suas inteligências múltiplas, com seus limites e qualidades. O processo avaliativo está a serviço da construção do conhecimento, da harmonia, da conciliação, da aceitação dos diferentes, tendo como premissa uma melhor qualidade de vida. O professor com visão sistêmica é capaz de perceber que o erro pode vir a ser o caminho do acerto. Desafia seu aluno a encontrar novas respostas, a pesquisar outras possibilidades, permitindo que os colegas possam compartilhar da problemática levantada e juntos, professores e alunos possam construir novas soluções.

Os modelos pedagógicos sempre retrataram o contexto histórico da sociedade. Entretanto, não existe uma metodologia consensual. Uma concepção filosófica da educação não nega a anterior, ela se adapta e inova a cada momento. O fundamental é que a análise do conteúdo pelo aluno possa passar de uma apropriação apenas reprodutiva para uma apropriação transformadora; quer dizer, o que faz o aluno para demonstrar que realmente aprendeu? A partir das tendências pedagógicas foram surgindo diversos instrumentos de avaliação na graduação é o que veremos na sequência.

3. Instrumentos de avaliação

O ato de avaliar está presente em todos os momentos da vida humana, se dá permanentemente pela unidade imediata de pensamento e ação. Os instrumentos de avaliação são feitos a partir de juízos provisórios, opiniões assumidas como corretas que ajudam na tomada de decisões. Fazer juízo visando uma tomada de decisão, o homem coloca em funcionamento os seus sentidos, sua capacidade intelectual, suas habilidades, seus sentimentos, paixões, idéias e ideologias. Durante o processo de aprendizagem o professor se depara com os seguintes questionamentos: Quando devemos começar a avaliar? O que avaliar? Para que avaliar? Como avaliar? Quem avaliar?

3.1 Princípios básicos da avaliação

Ao elaborar os instrumentos de avaliação o professor necessita de uma reflexão sobre os objetivos propostos em seu planejamento, para garantir de fato a verificação da aprendizagem. Piletti (1986) estabelece princípios básicos de avaliação que o professor precisa ter claro ao aplicar um instrumento de avaliação, como:

- Estabelecer com clareza o que vai ser avaliado, avaliar o aproveitamento, a inteligência, o desenvolvimento sócio-emocional, as competências e habilidades necessárias para a assimilação dos conteúdos;
- Selecionar instrumentos adequadas para avaliar e o que se pretende avaliar;
- Utilizar na avaliação, uma variedade de instrumentos para se ter um quadro mais completo do desenvolvimento do aluno (quantitativo e qualitativo);
- Ter consciência de possibilidades e limitações dos instrumentos de avaliação;
- A avaliação é um meio para alcançar fins e não um fim em si mesma.

3.2 Etapas da avaliação

Segundo Hadji (2002) a avaliação é formativa e, para ser eficiente deverá perpassar pelas seguintes etapas:

- O estudo da tarefa e sua explicação: o processo de ensino e aprendizagem no desenvolvimento dos conteúdos dando as possibilidades para dominar os saberes.
- A prática das habilidades: a efetivação do instrumento de avaliação que devem verificar se de fato o aluno apresenta o saber ou as competências.
- A intervenção: retomada dos conteúdos centrais abordados que não foram dominados pelos alunos.

Para esclarecer estas etapas no processo da avaliação, ilustramos com o seguinte exemplo: Se eu espero que o aluno saiba movimentar-se na água em uma profundidade que não lhe dá pé, preciso avaliá-lo nesta situação, em uma piscina, no mar ou em algum lago. Não posso querer que ele me mostre que sabe nadar colocando-o deitado em uma cadeira, pedindo que ele faça um simulado. A avaliação precisa estar a serviço da aprendizagem.

3.3 Habilidades Cognitivas

O professor ao elaborar um instrumento de avaliação teve ter consciência do que de fato quer avaliar, quais os objetivos que quer atingir com a avaliação. Citamos a seguir algumas habilidades cognitivas que permeiam os instrumentos de avaliação segundo Piletti (1986):

- **Conhecimento:** Envolve a evocação de informações. Nesta categoria estão os conhecimentos de terminologia, de fatos específicos ,

de critérios, de metodologia de princípios e generalizações de teorias e estruturas. *Neste nível o aluno reproduz o conhecimento.*

- **Compreensão:** Refere-se ao entendimento de uma mensagem literal contida numa comunicação. *Para esse nível da compreensão o aluno não deve somente repetir mas compreender o que aprendeu, ao menos de maneira suficiente para afirmá-lo de outra forma.*

- **Aplicação:** Refere-se à habilidade para usar abstrações em situações particulares e concretas. *O aluno é solicitado a usar um método, uma regra ou um princípio para resolver um problema.*

- **Análise:** Refere-se à habilidade de desdobrar uma comunicação em seus elementos ou partes constituintes. *O aluno deve saber o que procurar, compreender os conceitos envolvidos e aplicar os princípios.*

- **Síntese:** Trata-se da habilidade para combinar elementos e partes de modo a formar um todo. *O aluno deve exprimir suas próprias idéias, experiências ou pontos de vista. Não há apenas uma resposta correta.*

3.4 Instrumentos de avaliação na Graduação

O professor ao aplicar um instrumento de avaliação deve proporcionar mais um momento de aprendizagem ao aluno. Segundo Martins (2000) é através da avaliação que se poderá verificar até que ponto o ensino tem alcançado os resultados pretendidos. Citamos a seguir alguns instrumentos de avaliação aplicadas no Ensino Superior que podem ser propostos de forma individual ou em grupo:

1. Provas

- **Objetivas:** perguntas fechadas, claras e precisas.
- **Subjetivas:** perguntas abertas, que possibilitam a colocar sua opinião, formar conceitos e generalizações.

2. Resenha Bibliográfica

Segundo Severino (2000) “A resenha, recensão de livros ou análise bibliográfica é uma síntese ou comentário dos livros publicados. Uma resenha pode ser puramente *informativa*, quando apenas expõe o conteúdo do texto; é *crítica*, quando se manifesta sobre o valor e o alcance do texto analisado; é *crítico – informativa* quando expõe o conteúdo e tece comentários sobre o texto analisado.

3. Relatório

É a parte final da pesquisa ou investigação, devendo ser considerado de acordo com Barros & Leheld (2002:1001) também como o ápice de um trabalho científico realizado culminante do pensar reflexivo; objetivo

consiste em dar às pessoas interessadas o resultado completo do estudo, com por menores suficientes e dispostos do modo a permitir que o leitor compreenda os dados e determine para si a validade das conclusões.

4. Dissertação

Segundo Lakatos (1996) “A dissertação é um estudo teórico de natureza reflexiva, que consiste na ordenação de idéias sobre um determinado tema”.

5. Seminário

Seminário é um instrumento técnico de estudo que inclui: pesquisa, discussão e debate. Pesquisar e ensinar a pesquisar são finalidades do seminário e o mesmo desenvolve as seguintes capacidades: pesquisa, de análise sistemática de fatos, de hábito do raciocínio, da reflexão, possibilitando ao estudante a elaboração clara e objetiva de trabalhos científicos. Visa mais a formação do que a informação.

6. Resumo e/ou Síntese

Segundo Severino (2000) o resumo do texto é, na realidade, uma síntese das idéias e não das palavras do texto. Não se trata de uma ‘miniaturização’ do texto. Resumindo um texto com as próprias palavras, o estudante mantém-se fiel as idéias do autor sintetizado.

Resumir um texto significa criar um novo texto mais curto, utilizando somente as informações mais importantes do texto original. Resumo é a condensação do conteúdo sem análise crítica ou interpretação de um documento, com o mesmo vocabulário do autor e em ordem estabelecida no documento original para apresentação da informação.

7. Artigos Científicos

Conforme Lakatos (1996): “Os artigos são pequenos estudos que tratam de uma questão verdadeiramente científica. Deve ser claro, conciso, objetivo e de linguagem correta, precisa, coerente e simples”.

8. Trabalhos Didáticos

Segundo Severino (2000), nos trabalhos didáticos há a exploração do patrimônio cultural e da realidade contextual e, é uma exigência imprescindível do processo didático-pedagógico do ensino superior. O aluno além de ampliar seus conhecimentos se iniciará no método da pesquisa e da reflexão.

9. Trabalho Científico e Monografia

Segundo Severino (2000), o termo monografia designa um tipo especial de trabalho científico. Considera-se monografia aquele trabalho que reduz sua abordagem a um único assunto, a um único problema, com um tratamento especificado. O trabalho monográfico caracteriza-se mais pela unicidade e delimitação do tema e pela profundidade do tratamento do que por sua eventual extensão, generalidade ou valor didático.

10. Auto-Avaliação

Consiste em fazer uma reflexão pessoal visando a assimilação dos conhecimentos, bem como o envolvimento e a participação das atividades propostas durante um determinado período.

Ao abordarmos alguns temas neste artigo, não temos a intenção de trazer fórmulas mágicas para as polêmicas sobre o assunto da avaliação já tão discutida. Nos preocupamos em contribuir para a compreensão das concepções de avaliação num contexto histórico e, esclarecimentos quanto aos instrumentos avaliativos utilizados no processo de aprendizagem.

Para não ser mero objeto de pressões alheias, é mister encarar a realidade com espírito crítico, tornando-a palco de possível construção social alternativa. Aí, já não se trata de copiar a realidade, mas de reconstruí-la conforme nossos interesses e esperanças. É preciso construir a necessidade de construir caminhos, não receitas que tendem a destruir o desafio da construção. (...) Deveria impor-se a atitude de aprender pela elaboração própria, substituindo a curiosidade de escutar pela de produzir.” (Demo,1999).

Considerações Finais

A avaliação da aprendizagem na graduação requer que o educando não só adquira os conhecimentos científicos necessários para o desempenho de sua profissão, mas avalie de fato as habilidades e competências exigidas para tal. Nesta perspectiva a avaliação deve estar a serviço da aprendizagem, em favor do aluno, em favor de uma formação profissional e eticamente, deve possibilitar competências técnicas, humanas e políticas. A avaliação a que nos referimos pretende ser instrumento útil a todos os envolvidos no processo universitário, negando-se ser apenas atividade concedida para selecionar, classificar, comparar e excluir.

Os modelos pedagógicos sempre retrataram o contexto histórico da sociedade. Entretanto, não existe uma metodologia consensual. Uma concepção filosófica da educação não nega a anterior, ela se adapta e inova a cada momento. O fundamental é que a análise do conteúdo pelo aluno possa passar de uma apropriação apenas reprodutiva para uma apropria-

ção transformadora; quer dizer, o que faz o aluno para demonstrar que realmente aprendeu?

O ato de avaliar esta presente em todos os momentos da vida humana, e se da permanentemente pela unidade imediata do pensamento e da ação, busca-se questionamentos reflexivos sobre habilidades cognitivas e instrumentos de avaliação que o professor elabora para a verificação do processo de ensino e aprendizagem aplicados no ensino superior.

Portanto, a avaliação deve exatamente servir à formação acadêmica no seu sentido mais abrangente, para depois justificar a certificação concedida aos alunos.

Abstract

Assessment on graduation has passed along the years for successive transformations. Even so, the evaluated process continues having its complexity in the education context. The aim of this article is to emphasizing some basic ideas related to the assessment system in the graduation and bringing some reflections on the same ones. We don't have the pretension of exhausting the subject, because there is a lot to be discussed. We took for base some autores as Cipriano Luckesi, Jussara Hoffmann, Phellippe Perrenoud

Key-words: Graduation, educational assessment, teaching and learning process.

Referências bibliográficas

BARROS, Aidil de Jesus Paes; Neide Aparecida de Souza Lehfeld. *Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas*. Petrópolis, Ed. Vozes 2002.

BEHRENS, Marilda Aparecida. *O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica*. Curitiba : Ed. Champagnat. 1999.

BOLZAN, Regina de Fátima Frutuoso de Andrade. *O Conhecimento Tecnológico e o Paradigma Educacional*. Dissertação de mestrado, UFSC, 1998.

DEMO, Pedro. *Educação e Qualidade*. 2ª Edição. Editora Papyrus. 2000.

_____. *Avaliação sob o olhar Propedêutico*. Editora Papyrus. 2001.

_____. *Pesquisa*. Princípios Científico e Educativo. 6ª Edição. Editora Cortez. 1999.

DILIGENTI, Marcos Pereira. *Avaliação Participativa no ensino Superior e Profissionalizante*. Porte Alegre. Ed. Mediação. 2003.

GADOTTI, Moacir. *História das Idéias Pedagógicas*, Série Educação, 1997.

SOUZA, Clarilza Prado de (Org.). *Avaliação do Rendimento Escolar*. 6ª Edição. Editora Papyrus. 1999.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org.). *Pedagogia Universitária. A Aula em Foco*. Ed. Papyrus. 2001.

- _____. *Técnicas de Ensino: Por que não?*. Ed. Papirus. 12ª Edição. 2001.
- LIMA, Adriana de Oliveira, *Avaliação Escolar. Julgamento x Construção*. 7ª Ed. Petrópolis : Rio de Janeiro, 1998.
- HOFFMANN, Jussara. *Avaliação Mediadora. Uma Prática em Construção da Pré-Escola à Universidade*. Editora Mediação. 1993.
- LAKATOS, Eva Maria; *Técnicas de Pesquisa*. 3ª Edição. Ed. Atlas. 1996.
- LUCKESI, Cipriano. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. 7ª Edição. Editora Cortez, 1994.
- _____. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. 11ª Edição. Editora Cortez. 2001.
- PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. Editora Ática. 1986.
- MARCONI, Marina de Andrade; Eva Maria Lakatos. *Técnicas de Pesquisa*. 3ª Edição. Ed. Atlas. 1996.
- WACHOWICZ, Lilian Anna. *O Método Dialético na Didática*. 4ª Edição. Ed. Papirus. 2001.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 21ª Ed. Ed. Cortez. 2000.
- MARTINS, Pura Lúcia Oliver. *Didática Teórica e Didática Prática*. Para além do confronto. Ed. Loyola. 2000.
- WERNECK, Hamilton. *Prova, Provão, Camisa de Força da Educação*. Ed. Vozes, 1995.

Notas

1 Prof. Mestre em Engenharia da Produção – UFSC.

Data de recebimento: 01/02/2003

Data de aprovação: 12/04/2004